

Vestibular com recorde de vagas

Em 2009, a UFSC oferece 4.431 vagas em 67 cursos. Ciência e Tecnologia Agroalimentar é uma das novidades p. 6 e 7

Foto: Divulgação



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Setembro de 2008 - Nº 394

Quando a prática colide com o discurso

Foto: James Tavares



O discurso do desenvolvimento sustentável ainda não superou a condição de mito. A política ambiental, inclusive na Capital catarinense, mostra-se insustentável, mas restam, felizmente, ações políticas nos planos local e global - p. 6 e 7

Descascando o
abacaxi - p. 12

Ostras nativas
confiáveis - p. 5

Novo olhar para
a cultura - p. 8

Do Editor

No caminho certo

"A liberdade de imprensa é ampla e deve continuar ampla" (Cláudio Santos, presidente do Colégio dos Presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais)

O IV Encontro Nacional de Assessorias de Comunicação das Instituições Federais de Ensino Superior, realizado na primeira quinzena de agosto, na Andifes, em Brasília, serviu para respaldar a Política Pública de Comunicação, formulada e implementada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os assessores aprovaram e reforçaram conceitos, princípios e ações que vêm sendo desenvolvidos pela equipe da Agência de Comunicação (Agecom).

Guiada à área estratégica, inclusive para prevenir ou "curar" crises institucionais e de gestão, a comunicação pública assume papel fundamental para legitimar a universidade federal junto à população.

Transparência, ética, verdade, profissionalização, confiança, credibilidade e pronto atendimento aos jornalistas e meios de comunicação, conceitos presentes no dia-a-dia da Agecom, fazem parte do menu recomendado pelo coletivo dos assessores.

A adequada valorização e a devida estruturação das assessorias de comunicação foram considerados inadiáveis diante do processo de expansão e interiorização das Ifes. O Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) carece de divulgação interna e externa, o que, em última análise, prejudica a sua consolidação.

Coincidindo com a realidade atual da UFSC, os assessores de Comunicação apresentaram propostas para melhorar e agilizarem a relação com a mídia, aperfeiçoar a comunicação digital e priorizar a divulgação científica. *Jornal Universitário*, *Guia de Fontes* e *Sistema de Identidade Visual* também mereceram o reconhecimento de Brasília, cuja reunião indicou ainda uma maior integração com as assessorias da Andifes e do MEC. E, de quebra, retomaram a necessidade de uma agência de notícias e da organização política das assessorias.

Possivelmente só a criação de um Fórum de Assessores (Fascom) terá, por exemplo, o poder de garantir uma rubrica específica para a comunicação no orçamento da grande maioria das 58 Ifes!

Ou seja, a lógica passa pela mobilização. Assim como os dirigentes colocam o ministro na parede por recurso através da Andifes, os assessores poderão contar com o Fórum para abrir os olhos dos reitores reticentes. Até porque o apoio à comunicação pública depende apenas de uma coisa: vontade política, já que o dinheiro existe.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Morfologia? "O esqueleto posto no armário, se mal arrumado, ressuscita mais dia menos dia em feitiço de assombração" – Dora Kramer, no *Estadão*.

Melhor do que nas Olimpíadas. O Brasil é o 15º em produção científica e o 25º em citações.

Parece ontem. A dupla Prata-Paraná está entrando no quarto mês de gestão. A interiorização continua sendo o grande desafio.

Em tempo. A EdUFSC não publicará o livro *A descentralização no banco dos réus*, do jornalista Ivonei Silva.

Achados e perdidos. Aposentada da UFSC, no caminho do banco, encontrou um amigo para desabafar: "quanto mais eu olho aquelas tabelas salariais, mais confusa eu fico!". No que o interlocutor respondeu: "e quanto mais procuro, menos me acho"...

Bafômetro no Denatran! Segundo a *Folha*, "por superávit, País corta educação no trânsito". O Departamento Nacional de Trânsito aplicou apenas 14% dos recursos previstos para prevenção de acidentes.

Humanização do campus. "Isso aqui vai muito além de uma faculdade. Precisamos oferecer, portanto, um espaço de convivência para a construção de uma sociedade plural". Vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), defendendo a permanência dos estudantes no campus, através de um projeto envolvendo entretenimento, cultura, jardins, arborização, segurança e educação no trânsito. Paraná também considera vital ambiente para leitura, namoro e truço.

O proctologista avverte. Em entrevista ao jornal *Circulação*, o vice-diretor do HU, Felipe Felício, sinaliza que a terceirização veio para ficar.

TV Chávez. Canal estatal VTV passa a cobrar R\$ 335 mil por hora das emissoras que queiram retransmitir as imagens oficiais com Hugo Chávez. No Brasil de Lula ocorre quase o contrário.

Bom senso. Bodoque para o Campus é questão de segurança para a UFSC.

Pão velho I. A edição de junho do jornal *Canudo*, do DCE, foi descalhada na recepção aos calouros no dia 4 de agosto. O pão velho saiu como pão quente... Os calouros foram bem alimentados de informação no primeiro dia. Além do *Canudo* e dos discursos do coordenador do DCE, do reitor, do vice-reitor e de pró-reitores, receberam, entre outros materiais, uma agenda, a edição de agosto do *Jornal Universitário* e um belo folder da Biblioteca Universitária.



É cada vez mais humana a relação com os animais do campus

Foto: James Tavares



Pão velho II. "Chegou a hora de encarar o bandeirão do RUI!", avisa o folder da Missão Universitária Luterana (Munil), entregue aos calouros. A intenção pode ter sido a melhor possível, mas a iniciativa de incluí-lo na pasta oficial pareceu pouco católica. As informações são extremamente úteis, no entanto, cairiam melhor se distribuídas diretamente pela Missão. Igualmente ficou "sobrando" na pasta o folheto da Aliança Bíblica Universitária (ABU). São materiais conservadores que se contrapõem – involuntariamente – ao apocalíptico *Canudo*!

Multas. PM está lavando a égua também no Campus.

Frase

"A universidade pública está garantindo a pesquisa. Privatizá-la seria um desastre para o País. (Arnaldo Niskier, escritor, ex-presidente da Associação Brasileira de Letras)"



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.
Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Cecília Carbone Cussiolli (Bolsista)
Celita Campos (Jornalista)
Gabriela Santos Bazzo (Bolsista)
Isis Martins Dassow (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Leticia Arcoverde (Bolsista)
Luiza Fregapani Silva (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Tiffany Ródio (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jofafe Comunicação e Marketing Ltda



Dia do Betinho

Dia 9 de agosto fez mais um ano que o Brasil ficou sem Herbert José de Souza, o irmão do Henfil, o Betinho. Ele, mais do que ninguém, soube usar os holofotes que miravam a sua figura já tão debilitada para filtrar a dor, o sofrimento e a fome do povo brasileiro. Celebridade sim, mas usada a favor de outros seres. Betinho não ganhou o Prêmio Nobel, mas com certeza ganhou o céu. Seu cargo aqui na terra parece não ter suplente, pois até agora ninguém o preencheu. E por isso, é bom lembrar uma de suas frases: "Solidariedade, amigos, não se agradece, comemorase". **Tânia Souza/Agecom/UFSC**



Ao receber o título de Doutor *Honoris Causa* da UFSC, Betinho proferiu, em 1995, aula magna para uma multidão reunida na Praça da Cidadania, em frente à Reitoria

Foto: James Tavares

Memória

Um Brasil de alma torta

O que o romance *Notre-Dame de Paris*, do escritor Vitor Hugo, tem a ver com o Brasil de recorrentes cenários dantescos (*sic*)? A resposta, segundo o teólogo e doutor em Filosofia pela Unicamp, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Antônio Marchionni, autor de *Uma Esmeralda para o Brasil*, Editora LTR, é absolutamente tudo. Da cigana que empresta o nome ao título, passando pelo juiz Frollo e chegando ao Corcunda, ou Quasimodo, Marchionni tira as reflexões que julga fundamentais para diminuir o fosso entre dois Brasis: o que consegue acumular e o que não consegue.

Marchionni, profissional da religião, depois ateu como tantos outros ateus por vários anos, agora de novo praticante, acredita que o futuro social da nação brasileira dependerá da sua capacidade de eliminar o instinto geral da acumulação individual, algo que será alcançado através de "valores morais comuns, os quais produzem nos cidadãos a convergência das mentes, a confiança recíproca e a energia nacional para sair do privado e ingressar no público". Essa é a deixa para Esmeralda, figura da evolução racional e da espiritualidade meditativa, força interior que reúne os diferentes numa caminhada comum.

"Um suplemento de alma é o que pode animar o Brasil", sustenta Marchionni. "A nação encontra-se exausta e assustada perante a sua irracionalidade social, restando apenas uma saída: a recomposição das consciências. A consciência é o espaço interior da alma, no qual albergamos os valores humanos e espirituais". Ele crê que o problema original do País não é nem social, nem econômico, muito menos internacional, educacional ou de dívida externa. Trata-se de um problema moral de discernimento entre o bem e o mal.

Intelectuais, dirigentes e população estão desanimados e boquiabertos, quase entregues, diante da apa-

rente invencibilidade da tragédia comum que aflige a nação: irracionalidade administrativa, lentidão nas mudanças, acumulação individual, exclusão social, endemias, envolvimento de autoridades políticas e judiciárias na contravenção, mistura das forças de segurança com o crime, fugas contínuas de presos, descontrole e impunidade, CPIs multiplicadas como fungos, insegurança fora e dentro de casa, interesses privados à margem da legalidade, um clima de "salve-se quem puder".

A luz no fim do túnel proposta por Marchionni passa por um roteiro de cinco fases: escola moral para 100 por cento de cada nova geração, identidade ética nacional, seis políticas públicas essenciais (acesso público e gratuito à escola, à saúde, aos remédios crônicos, seguro-desemprego, aquisição subsidiada da casa própria, aposentadoria decente), partilha entre os cidadãos (o País supera o instinto individual e recupera a racionalidade comunitária, implementando salários, rendimentos e aposentadorias mais ou menos iguais para todos), um só Brasil.

Homem de fé socialista, Antônio Marchionni chega, como ele mesmo revela, à maturidade física e mental. Já organizou comunidades eclesiais de base, promoveu a sindicalização de camponeses, encaminhou para a militância partidária de esquerda jovens e adultos da cidade, dedicou sábados e domingos à formação social do Movimento dos Sem-Terra da Zona Leste de São Paulo e criou, com a ajuda destes, a primeira Cooperativa de Trabalhadores da Construção Civil do Brasil. Na época em que *Uma Esmeralda...* foi escrito, a filha de Marchionni estava na chamada idade pré-adolescente. Não à toa ele pensou a obra desejando um Brasil pacífico para todas as pré-adolescentes da terra de Santa Cruz.

Artemio Reinaldo de Souza
Jornalista na Agecom

Cotas raciais ou sociais

O Senado Federal aprovou um projeto de lei que institui cotas para ingresso nas Universidades Federais, segundo critérios sociais e raciais. Os primeiros estariam garantidos pela reserva de metade das vagas nos vestibulares para alunos oriundos da escola pública. Os segundos por uma espécie de sub-cota segundo critérios de raça, de acordo com a auto-declaração dos candidatos. Assim, dentro de cada estado, essas vagas para a escola pública seriam distribuídas entre brancos, negros, pardos e indígenas segundo a proporção que essas raças representam no conjunto da população da unidade da federação. Trata-se de projeto copiado de outro similar que tramita na Câmara e que está pronto para ir à votação no Plenário.

Tenho críticas fundamentais ao projeto não pela reserva de vagas aos alunos da escola pública, mas pelo critério racial que está sendo proposto. Sabemos que a educação em nosso país, infelizmente, reproduz a enorme desigualdade de nossa sociedade. A raiz de nossa desigualdade, entretanto é eminentemente social e não racial. É evidente que entre os mais pobres a proporção negros e pardos é maior do que no conjunto da população e que algum grau de discriminação racial existe em nossa sociedade, mas isso não significa que a desigualdade em nosso país tenha sido causada pela questão racial. Os fenômenos de certa forma se superpõem, mas a raiz do problema está na questão social em geral. Além disso, os dados demográficos e os educacionais disponíveis apontam que no acesso à educação e no desempenho escolar, a renda é um fator mais preponderante que a raça.

Há poucos negros, pardos e índios nas universidades federais, mas, sobretudo há poucos pobres. Não mais que vinte por cento dos alunos das universidades públicas provêm de famílias com renda familiar de até três salários mínimos. Trata-se de uma média nacional, sem distinção de curso,

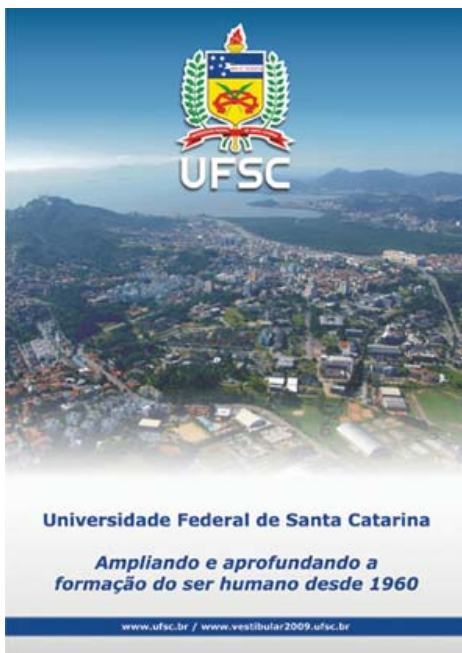
turno ou rede federal, estadual ou municipal. Nos cursos mais prestigiados e concorridos das universidades federais esta participação é muito menor ainda. Na forma em que está proposto, o projeto aprovado no Senado não protege os mais pobres sejam eles de que raça forem ou que cor de pele tiverem.

Para corrigir essa distorção, preparei uma emenda a ser apresentada em Plenário, quando o projeto lá chegar, que determina que, em vez de critérios raciais difíceis de aferir, metade das vagas destinadas a alunos oriundos da rede pública seja reservada para os jovens oriundos de famílias que tenham renda familiar de até 3 salários mínimos. Essa reserva seria aplicada no ingresso a cada curso e turno. Como os negros, pardos e indígenas estão indubitavelmente sobre-representados neste corte de renda, atingiremos o mesmo objetivo de outorgar preferência a esses grupos étnicos sem impor aos demais pobres mais uma penalidade legal. Além disso, estaremos realmente protegendo os negros, pardos e indígenas de baixa renda.

Por inescapável decorrência matemática, a reserva de vagas para um determinado contingente reduz as disponíveis para os demais. Desta forma, sempre que se avança na reserva de benefícios por grupo étnico, reduz-se ainda mais o espaço para os pobres não pertencentes a tais grupos.

Atualmente existem numerosas organizações pugnando pelos direitos das minorias étnicas, como negros e indígenas, enquanto os direitos dos mais pobres integram a categoria dos direitos difusos, sem defensores tão aguerridos. Ora! Se queremos beneficiar negros, pardos e indígenas, sem prejudicar os mais pobres em geral, é melhor reservar as vagas por corte de renda, e não por grupo étnico.

Paulo Renato Souza
Deputado federal e ex-ministro da Educação



Universidade Federal de Santa Catarina

Ampliando e aprofundando a formação do ser humano desde 1960

www.ufsc.br / www.vestibular2009.ufsc.br

Há quase 50 anos formando competência e cidadania

Reconhecida como uma das três melhores instituições de ensino superior do País, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) está há 48 anos formando cidadãos e profissionais capazes de melhor a vida das pessoas.

Atuando de forma transdisciplinar no ensino, na pesquisa, na extensão e na cultura, a UFSC oferece 67 cursos que abrangem praticamente todas as áreas do conhecimento. Em 2008, por exemplo, a Universidade criou três novas opções: Oceanografia, Artes Cênicas e Zootecnia. Cinco novos cursos serão oferecidos em 2009: Química-Licenciatura, Relações Internacionais, Museologia, Ciências Agroalimentares e LIBRAS (Presencial).

A expansão e interiorização com qualidade e a inclusão social através das ações afirmativas permeiam a consolidação da UFSC como uma universidade acadêmica, cada vez mais próxima e presente no Estado, na Nação e no mundo. (Moacir Loth/ jornalista na Agecom)

Materiais produzidos para o livro Guia das Profissões, de Karina Filomeno e Renata Régis Nogueira e publicado pela Editora Its



Há quase 50 anos formando competência e cidadania

Reconhecida como uma das três melhores instituições de ensino superior do País, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) está há 48 anos formando cidadãos e profissionais capazes de melhorar a vida das pessoas.

Atuando de forma transdisciplinar no ensino, na pesquisa, na extensão e na cultura, a UFSC oferece 67 cursos que abrangem praticamente todas as áreas do conhecimento. Em 2008, por exemplo, a Universidade criou três novas opções: Oceanografia, Artes Cênicas e Zootecnia. Cinco novos cursos serão oferecidos em 2009: Química-Licenciatura, Relações Internacionais, Museologia, Ciências Agroalimentares e LIBRAS (Presencial).

A expansão e interiorização com qualidade e a inclusão social através das ações afirmativas permeiam a consolidação da UFSC como uma universidade acadêmica, cada vez mais próxima e presente no Estado, na Nação e no mundo.

(48) 3721-9000

Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão

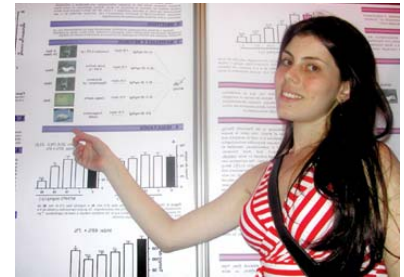
Estão abertas as inscrições para interessados em ministrar minicursos e em apresentar trabalhos na forma de painéis e estandes na 7ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC. Os cadastros devem ser feitos no site www.sepex.ufsc.br, até o dia 10 de setembro.

A inscrição é exclusiva para professores, servidores técnico-administrativos e alunos de graduação e de pós-graduação da UFSC. A sétima edição da Sepex será realizada de 22 a 25 de outubro, integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Assim como o evento criado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (este ano com o tema Evolução & Diversidade), a Sepex tem como objetivo mobilizar a população em torno de temas e atividades que valorizem a atitude científica, a criatividade e a inovação.



Jovens pesquisadores

A UFSC realiza nos dias 22 e 23 de outubro o 18º Seminário de Iniciação Científica (SIC). O encontro integrado à sétima edição da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC é direcionado à divulgação e avaliação dos trabalhos de estudantes de graduação – são os “jovens cientistas” da UFSC. Este ano, mais de 600 estudos deverão compor a mostra, que é também um momento de avaliação dos acadêmicos que contam com bolsas de iniciação científica. Os trabalhos serão mostrados na forma de painéis e em apresentações orais.

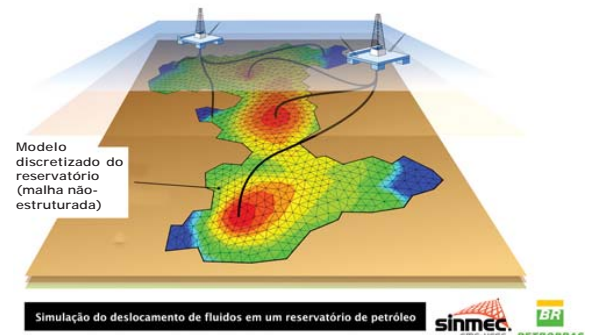


Habitação popular

A UFSC integra uma rede de pesquisa que está avaliando mais de 150 empreendimentos habitacionais populares localizados em cinco estados brasileiros. Os projetos estão direcionados ao desenvolvimento, aplicação e difusão de tecnologias inovadoras, envolvendo o processo de construção desde a concepção até a manutenção dos empreendimentos. Os estudos também são focados tanto em obras novas como na recuperação de edifícios. Um dos desafios assumidos pelas instituições é o desenvolvimento e a avaliação de novos componentes e sistemas construtivos focados nas necessidades regionais.

Simuladores para Petrobras

Há 18 anos trabalhando em parceria com a Petrobras, o Laboratório de Simulação Numérica em Mecânica de Fluidos e Transferência de Calor (Sinmec) da UFSC é referência na área de simulação de reservatórios de petróleo. A simulação é ação estratégica para a estatais. Um simulador possibilita a visualização do escoamento do óleo e da água em um reservatório. Essa ferramenta traz também informações sobre quanto será produzido de óleo com diferente número de poços produtores e injetores de água – conhecimento fundamental para que seja estabelecido o método adequado de exploração. Há diversos softwares comerciais na área de petróleo que são usados por grandes companhias de petróleo como a Petrobras. Na UFSC os projetos possibilitam o estudo de novos métodos e tecnologias, além da formação de profissionais especializados.



Física de Materiais

A UFSC inaugurou mais uma ferramenta estratégica para pesquisas nas áreas de Física de Materiais e Nanotecnologia. É um difratômetro de raios-X, equipamento obtido por meio de um projeto idealizado por professores dos departamentos de Física e de Química da UFSC, aprovado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). O difratômetro permite o estudo da estrutura de materiais, revelando o arranjo espacial dos átomos.

Serão beneficiadas pesquisas em campos como a Física, Saúde, Biologia, Eletrônica, Química e Engenharia de Materiais, que avançam no universo *nano*. Neste campo, o princípio básico é a construção de estruturas com pelo menos uma das suas dimensões da ordem de um nanômetro, que é igual a um milionésimo de milímetro ou um bilionésimo de metro.

O difratômetro permite o estudo da estrutura de materiais, revelando o arranjo espacial dos átomos



Viagra e morfina

Estudo desenvolvido na UFSC mostra que o efeito analgésico da morfina pode ser intensificado com a associação do sildenafil ou Viagra®. A pesquisa indica que a combinação dos fármacos pode ser eficiente e reduzir efeitos colaterais da morfina. Os resultados foram publicados em março na conceituada revista *Anesthesia and Analgesia*. O estudo foi realizado no Laboratório de Neurobiologia da Nocicepção (Lanen), ligado ao Departamento de Farmacologia da UFSC. A pesquisa também mostrou que procedimentos de anestesia onde se aplica morfina diretamente na coluna espinhal podem ajudar a diminuir a inflamação em regiões localizadas do corpo - articulações da perna, por exemplo. No entanto, para transpor esse conhecimento para a clínica serão necessários ainda vários estudos.



A papoula (de onde se extrai a morfina) e o Viagra: combinação pode ser eficiente e reduzir os efeitos colaterais da morfina



Conhecimento para cultivar ostras nativas

A obtenção de sementes em laboratório poderá garantir a produção constante e confiável para o cultivo

Arley Reis

Jornalista da Agecom

Depois de tornar a Região Sul referência na produção da ostra do Pacífico, o Laboratório de Moluscos Marinhos da UFSC está produzindo conhecimento que vai ajudar o Brasil a cultivar a ostra nativa. A despolarização do cultivo e de seus benefícios sócio-econômicos das regiões Sudeste e Sul para o Norte e Nordeste está baseada no cultivo da *Crassostrea brasiliana*, a chamada ostra do mangue. Um dos objetivos das pesquisas é o melhoramento genético da espécie nativa, para seleção de linhagens melhor adaptadas ao cultivo.

Os estudos levam em conta a relevância do desenvolvimento da ostreicultura na geração de empregos e renda para as comunidades tradicionais. Também buscam garantir às gerações futuras a possibilidade de explorar as ostras dos bancos naturais, hoje reduzidos pela exploração intensa. Os trabalhos são realizados a partir da Rede Nacional de Pesquisa em Ostras Nativas, que integra a UFSC a outras oito universidades, ao Instituto de Pesca de São Paulo, à Embrapa Meio Norte e à Epagri.

Cada instituição colabora no campo em que suas equipes têm maior experiência. Como já domina o sistema de desova da ostra do Pacífico e de outros moluscos em seu laboratório, a UFSC concentra esforços na produção de famílias para reprodução, no melho-

ramento genético e no acompanhamento em cultivo. "No momento, só a obtenção de sementes em laboratório pode garantir produção confiável e constante de sementes para cultivos independentes da imprevisibilidade do meio ambiente", ressalta Cláudio Manoel Rodrigues de Melo, pesquisador que está à frente dos trabalhos com as ostras nativas no Laboratório de Moluscos Marinhos da UFSC.

O professor explica que o cultivo de ostras no Brasil tem se desenvolvido, mas um problema fundamental para consolidação da atividade é a caracterização genética. Existem atualmente no país pelo menos três espécies de ostras sendo estudadas e cultivadas. Duas são nativas – a *Crassostrea rhizophorae* e a *Crassostrea brasiliana* – e a terceira é a ostra do Pacífico (*Crassostrea gigas*), introduzida no Brasil na década de 70 pelo Instituto de Pesquisas da Marinha, por ser mais indicada para o Sul e Sudeste.

Com relação às espécies nativas, há estudos preliminares indicando que a *Crassostrea brasiliana* tem crescimento mais rápido, e por este motivo apresenta maior potencial para a maricultura. No entanto, a grande variação genética e a taxa de crescimento de diversas populações da ostra do mangue nativa no litoral brasileiro exigem estudos mais aprofundados. Estas pesquisas são consideradas estratégicas.

"A existência de uma espécie (*Crassostrea brasiliana*), com crescimento

bastante superior à ostra comum (*C. rhizophorae*), abre novas fronteiras que podem incrementar a produtividade dos cultivos e solidificar a atividade produzindo novos empregos e promovendo o desenvolvimento do cultivo, além de permitir a exportação da tecnologia desenvolvida para outras regiões do país", destacam as equipes no projeto "Caracterização genética e melhoramento de ostras nativas do gênero *Crassostrea*".

"O cultivo de ostras tem se mostrado uma atividade viável em vários estados brasileiros, porém, para sua real implementação, pesquisas e ações se fazem necessárias para otimizar a produção e viabilizar a atividade em maior escala", destaca o professor Cláudio. Ele lembra que o Laboratório de Moluscos Marinhos da UFSC é ainda o único no país a produzir regularmente sementes de ostra do Pacífico.

As pesquisas realizadas pela rede ajudarão também a delimitar estoques das populações de ostras ao longo do litoral brasileiro, como subsídio para programas de exploração de populações naturais e de escolha de locais para cultivo. Proporcionará ainda o intercâmbio de informações e de pesquisadores, que se encontram atualmente trabalhando individualmente, o que tem causado uma redução no potencial de geração de conhecimento aplicado e uma dispersão de recursos humanos e financeiros devido à duplicação de esforços.

O Laboratório de Moluscos Marinhos

- Ligado ao Departamento de Aquicultura e vinculado ao Centro de Ciências Agrárias (CCA), é composto por duas unidades físicas, uma localizada na Barra da Lagoa e a outra em Sambaqui.

- A unidade de Sambaqui é uma fazenda marinha, onde são mantidos os reprodutores pertencentes ao plantel do laboratório, onde são realizados os experimentos de cultivo no mar.

- A unidade da Barra da Lagoa possui uma área de aproximadamente 1000 m², com equipamentos básicos necessários à produção de sementes de moluscos e o desenvolvimento das diferentes linhas de pesquisa.

- Seus pesquisadores têm acesso a laboratórios que integram uma rede de pesquisa com mais de 20 departamentos da UFSC envolvidos em atividades relacionadas com o cultivo de moluscos.

- Possui acervo bibliográfico próprio com mais de 2.500 títulos, entre teses, dissertações e livros, parte deles já cadastrados e com recursos de busca via internet (www.lmm.ufsc.br)

Instituições integradas à Rede Nacional de Pesquisa em Ostras Nativas:

- Embrapa Meio-Norte
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
- Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
- Universidade Federal da Bahia (UFBA)
- Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
- Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
- Instituto de Pesca de São Paulo
- Universidade Federal do Paraná (UFPR)
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Universidade da Região de Joinville (Univille)
- Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. (EPAGRI)

Desafios da Rede Nacional de Pesquisa em Ostras Nativas:

Determinar a identidade e variabilidade genética das ostras nativas no litoral brasileiro;

Identificar estoques das populações de ostras ao longo do litoral brasileiro, como subsídio para programas de exploração de populações naturais e de escolha de fundadores para cultivo;

Estabelecer um programa de melhoramento genético da ostra nativa que envolva linhagens provenientes de várias áreas do País;

Formar um estoque de reprodutores para obtenção de linhagens de alto crescimento e elevada sobrevivência;

Avaliar e comparar o crescimento e sobrevivência de populações naturais e das linhagens melhoradas.



Foto: Jones Bastos

Desenvolvimento sustentável: mito ou alternativa viável?



EdUFSC lança terceira edição revista e ampliada de O mito do desenvolvimento sustentável, livro que propõe ações para revolucionar a realidade socioambiental

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

O desafio de tornar compatível o desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente está no centro das preocupações da terceira edição revisada do livro *O mito do desenvolvimento sustentável - meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias*. A obra do pesquisador Gilberto Montibeller-Filho foi publicada pela Editora da UFSC (EdUFSC) com apoio da Fundação de Estudos Sócio-Econômicos da UFSC (Fepese). A pesquisa faz um questionamento profundo das atuais possibilidades de atendimento do princípio da igualdade social e ambiental, no qual se fundamenta o conceito de desenvolvimento sustentável.

O autor é um conceituado professor e pesquisador com formação na Sorbonne. Economista, doutor, mestre e especialista em sociedade, desenvolvimento e meio ambiente, Montibeller-Filho lecionou por mais de 20 anos na UFSC e atualmente integra o corpo diretivo da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesec), presidida pelo ex-reitor Antônio Diomário de Queiroz. O seu livro é uma contribuição importante para a tomada de decisões visando à transformação das condições socioeconômicas e socioambientais da região e do País. Nele, apresenta a questão do desenvolvimento sustentável dentro de uma macrovisão do capitalismo, enfocando três correntes da Economia Ambiental ("a neoclássica, a economia ecológica e a economia ecomarxista").

Montibeller-Filho dissecou teorias, argumentos,

A criação de legislação ecológica de estímulo a mudanças comportamentais de consumo é uma das ações para um desenvolvimento sustentável

JU – *Quais os caminhos possíveis para cidades como Florianópolis se desenvolverem sem comprometerem o meio ambiente?*

Gilberto - As ações visando ao desenvolvimento da Capital de Santa Catarina com o mínimo de degradação do meio ambiente - deve-se admitir que a presença do homem da sociedade atual sempre terá algum impacto sobre a natureza - segundo os parâmetros da economia ecológica poderiam se dar, em linhas gerais, da seguinte forma:

- Zoneamento econômico-ecológico priorizando a dimensão ambiental; estabelecimento de limite de ocupação em cada geossistema em função da sua capacidade de suporte. Uma política eficiente para evitar o excesso de aglomeração de pessoas e atividades produtivas pode ser feita através de um plano diretor concebido com enfoque ambientalista, delimitando através de gabaritos e normas de ocupação restrita de terrenos a possibilidade de construção para fins de moradia e econômicos. Observar que a definição de capacidade de suporte de populações humanas vai além da consideração dos aspectos ecológicos, pois deve levar em conta o meio como um todo e, portanto, inclui as demais dimensões relacionadas, tais como a cultura, a tranquilidade psicológica, a segurança, a liberdade e facilidade de locomoção, a individualidade e a privacidade. O ser humano, além do consumo endossomático ou vital, caracteriza-se pelo consumo exossomático, este definido cultural e socialmente e que deve ser levado em conta para as avaliações de capacidade de carga dos geossistemas. Deve-se observar a respeito da Ilha de Santa Catarina, em especial, a fragilidade de seu ecossistema, conforme apontado pelos geólogos que a estudaram.

- Consideração das condições do espaço socioambiental, implicando na observação das condições ambientais além do seu espaço próprio, daqueles aonde Florianópolis se abastece e elimina seus rejeitos. Assim, por exemplo, as condições nas regiões vizinhas de produção agrícola. Por outro lado, a Capital não deve extravasar poluição para municípios vizinhos, através das baías.

- Criação de legislação ecológica de estímulo a mudanças comportamentais de consumo. Por exemplo: reduzir impostos a habitações ecologicamente corretas (que têm sistema para reutilizar a água, captar água das chuvas, sistema de compostagem de resíduos orgânicos); estímulo à diminuição de lixo inorgânico, inclusive o reciclável, pois o custo privado e social para reciclar materiais é elevado (exige subsídio, utiliza mais energia e materiais no processo de limpeza, descontaminação, separação e reprocessamento industrial, o qual, por sua vez, dissipa energia e gera resíduos).

- Na mesma linha de raciocínio, criar legislação de estímulo a um comércio ecologicamente correto. Por exemplo, priorizando a venda de materiais de limpeza menos agressores ao meio ambiente e reduzindo o uso de embalagens plásticas em geral.

- Uma política pública decorrente de participação democrática, dando especial atenção aos representantes do movimento ambientalista - organizações, agências governamentais, cientistas, empresas ecologicamente corretas, grupos de consumidores "verdes" - na elaboração dos planos de ocupação populacional da Ilha e seu entorno seria a forma mais importante de assegurar uma visão de administração pública segundo os interesses de preservação.

"O comportamento ambientalista individual é uma espécie de resistência passiva"

idéias e proposições de autores e pesquisadores selecionados das correntes de pensamento da chamada Economia Ambiental, procurando vislumbrar chances para a aplicação ou não do desenvolvimento sustentável em escala global num mundo cada vez mais capitalista.

Comentando a obra, o professor e pesquisador Luiz Fernando Scheibe, coordenador do Laboratório de Análise Ambiental da UFSC, afirma que o texto de Montibeller-Filho é claro e didático. Sem comprometer o rigor científico pelo uso de linguagem simples e acessível, o autor consegue analisar, a partir de sínteses elaboradas durante sua experiência docente e formação interdisciplinar, as principais correntes da economia mundial, chamando a atenção para o conceito de troca econômica e ecologicamente desigual, que permite ressaltar os problemas sociais e ambientais das relações entre países e regiões.

Já o professor da Universidade de Brasília (UnB) Gustavo Lins Ribeiro define o livro como sendo "um trabalho corajoso", lembrando que "até hoje não contávamos com nenhum esforço que se voltasse para a compreensão dos fundamentos econômicos das diversas perspectivas sobre a relação economia/natureza, após a influência que o ambientalismo passou a ter, a partir da década de 80, sobre os tomadores de decisão".

Segundo Montibeller-Filho, a intensificação na segunda metade do século XX dos problemas relacionados à exploração desenfreada dos recursos da natureza e a degradação ambiental em escala global despertaram a "consciência ecológica" em muitos segmentos da sociedade, fazendo surgir o que denominamos de movimento ambientalista.

Um novo paradigma - O ecodesenvolvimento, sublinha, "deixa patente a preocupação com os aspectos sociais e ambientais, no mesmo grau dos econômicos". Pressupõe, por exemplo, "uma solidariedade sincrônica com os povos atuais, na medida em que desloca o enfoque da lógica da produção para a ótica das necessidades fundamentais da população", além de "uma solidariedade diacrônica, expressa na economia de recursos naturais e na perspectiva ecológica para garantir possibilidade de qualidade de vida às próximas gerações".

O conceito de desenvolvimento sustentável e equitativo impõe-se a partir da década de 80 como um novo paradigma, amparado em vários princípios: integrar a conservação da natureza e desenvolvimento; satisfazer as necessidades humanas fundamentais; perseguir equidade e justiça social; buscar a autodeterminação social e respeitar a diversidade cultural; e manter a integridade ecológica.

Continua

Desenvolvimento sustentável: mito ou alternativa viável?

Continuação

Na esteira destes princípios, o pesquisador assinala que a reciclagem surge, na visão convencional, até mesmo como "o futuro" na medida em que não só resolveria em grande parte o problema dos depósitos de lixo, como também propiciaria o desenvolvimento de uma "economia da reciclagem", capaz de permitir um novo ciclo longo de acumulação ao capitalismo. O autor derruba a assertiva com argumentos "líquidos e sólidos".

Montibeller-Filho enfoca igualmente a politização e o voluntarismo, este, aliás, muito frequente na busca de soluções ambientais". Isso implica, por exemplo, em ações individuais diante de um problema de alcance coletivo. "O comportamento ambientalista individual é uma espécie de resistência passiva", adverte.

Mercado e espaço ambiental - O pesquisador não omite problemas locais e regionais, como é o caso da poluição causada na bacia carbonífera no Sul de SC. Observa, em tom de crítica, que o "apelo do capital para enfrentar os problemas ambientais é, então, ao recurso público, isto é, à socialização dos custos de recuperação". A "saída" são financiamentos subsidiados para a finalidade de tratamento do meio ambiente e implantação de medidas preventivas pelas empresas, ou, pior, "tendo as verbas públicas que arcar com o total custo de tratamento das áreas degradadas".

Em síntese, o enfoque do livro privilegia os aspectos econômicos da temática ambiental. "Antes, porém, de adentrar nas teorias econômicas que, atualmente, procuraram tratar desta questão em suas análises, buscou-se mostrar que as clássicas teorias do desenvolvimento econômico não consideram o meio ambiente como componente ativo no processo de evolução do capitalismo". A sustentabilidade proposta pelos economistas ecologistas, esclarece o autor, parte do conceito de espaço ambiental, o qual implica considerar a situação socioambiental em todos os locais que se interrelacionam economicamente". Uma postura ecologista implica, portanto, "pressionar o mercado para que passe a considerar os custos sociais". Defende também a criação de regulamentos e políticas públicas restritivas de ações dos agentes econômicos que prejudiquem, e estimuladores para as empresas que contribuam na preservação do meio ambiente".

Montibeller-Filho, todavia, é cético em relação ao futuro. "Conclui-se pela impossibilidade de que no mundo capitalista venha a atingir-se o desenvolvimento sustentável, com suas dimensões básicas de equidade intrageracional (garantia de qualidade de vida a todos os contemporâneos)" (...).



Montibeller-Filho: "Uma postura ecologista implica em pressionar o mercado para que passe a considerar os custos sociais"

"As atividades humanas - produzir bens de consumo e descartar rejeitos da produção e do consumo - são as de maior impacto sobre o meio ambiente"

JU - O Brasil está em 20º lugar no ranking verde realizado entre 142 países. O índice de Sustentabilidade Ambiental foi elaborado pelas universidades de Yale e Columbia (EUA) e o resultado anunciado durante o Fórum Econômico Mundial. A classificação não é ruim. Dê a sua opinião: qual o significado da pesquisa? Estamos melhorando? (Enquanto isso, no Fórum Mundial Social as críticas ao Brasil em relação ao tratamento dado ao meio ambiente têm sido severas e generalizadas...)

Gilberto - Não conheço detalhes a respeito da metodologia de avaliação do ranking verde, nem detalhes quanto a posições no fórum. Contudo, é possível alguma ilação quanto a conceitos que normalmente norteiam um e outro.

Geralmente em estudos como o ranking ambiental a posição é bastante ecocêntrica no sentido de que são levados em conta exclusivamente aspectos relacionados ao ambiente físico. Neste ponto, um país como o Brasil, com concentração populacional nas regiões mais próximas do litoral e imensos espaços interiores pouco ocupados, além de industrialização pouco expressiva se comparado com países ricos, pode apresentar na média situação relativamente favorável. Se, por exemplo, o critério ponderasse fortemente a emissão per capita de dióxido de carbono, um indicador ambiental importante, a condição brasileira seria extremamente favorável em relação inclusive aos Estados Unidos.

Por seu lado, posições como as do Fórum Social normalmente priorizam os aspectos diretamente humanitários tendo uma visão antropocêntrica, levando em conta processos históricos e raciocinando a partir da conceituação mais abrangente de Desenvolvimento Sustentável. Assim, o meio ambiente é o ambiente físico mais o homem que nele habita e suas condições de vida. Então, sob este prisma, a visão

deve mesmo ser bastante crítica e preocupante já que a condição brasileira, que a partir da precariedade dada, tem que ser pensada em perspectiva de melhora. Hoje, ela não aponta nessa direção e sob muitos aspectos, pelo contrário, apresenta retrocesso. (Vide a queda da ministra Marina Silva).

JU - Então, qual é a síntese geral da sua obra?

Gilberto - No livro procurou-se compreender o alcance das ações ambientalistas guiadas pelo paradigma do Desenvolvimento Sustentável, que implica compromisso social em visão sincrônica e internacional, além da equidade intergeracional que remete ao compromisso de preservar o meio ambiente também para as próximas gerações.

Para verificar o possível alcance dessas ações que visam à sustentabilidade, pesquisou-se especificamente a relação entre a economia e a natureza, uma vez que as atividades humanas - produzir bens de consumo e descartar rejeitos da produção e do consumo - são as de maior impacto sobre o meio ambiente.

A pesquisa nas três correntes da economia ambiental revela a impossibilidade do desenvolvimento sustentável em escala global, tendo em vista as desigualdades da mais variada ordem produzida pelo sistema, no que se inclui o transbordamento da problemática ambiental de uma região ou país para manter-se ecologicamente preservado sobre outros.

Todavia, esta conclusão não é, em absoluto, um convite ao imobilismo político dos atores sociais, pela impossibilidade revelada.

Pelo contrário, a análise expõe as contradições do sistema e as razões pelas quais as equidades sociais (sincrônica e diacrônica na ótica internacional) não são alcançáveis em forma absoluta. Ao fazer isso, aponta para formas de atuação política mais eficientes nos planos local e global.



Vestibular 2009 inova com Ciência e Tecnologia Agroalimentar

O agronegócio é um dos focos da formação dos futuros profissionais

Paulo Fernando Liedtke
Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina terá mais um curso de graduação a partir do próximo ano. Foi autorizada pela Câmara de Ensino a criação do Curso de Ciência e Tecnologia Agroalimentar, que oferecerá 60 vagas já no Vestibular UFSC/2009. A Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) está publicando uma resolução complementar ao edital do concurso, incorporando a nova opção aos vestibulandos.

O curso foi criado com o objetivo de formar profissionais especializados em alimentos, sob os aspectos científicos, tecnológicos, bioquímicos, higiênico-sanitários, sensoriais e nutricionais. O futuro profissional terá a capacidade de identificar problemas e formular soluções para atuar na cadeia produtiva agroalimentar, desde a fazenda produtora até a mesa do consumidor mais exigente.

A nova habilitação abrange todas as áreas das Ciências Agrárias (Fisiologia Animal, Fisiologia Vegetal, Botânica), por isso está integrado ao Centro de Ciências Agrárias (CCA) da UFSC. Trata-se de um curso multidisciplinar,

com a participação de outros centros da universidade, tais como o Centro de Ciências Biológicas (Anatomia Humana, Fisiologia Humana, Histologia, Biologia Celular, Bioquímica, Genética), o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (Química, Física e Matemática) e o Centro de Ciências da Saúde (Nutrição).

Os alunos terão acesso a toda a infra-estrutura do Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos, com 38 anos de experiência em ensino, pesquisa e extensão. A unidade possui 18 laboratórios, muitos deles credenciados junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e ao Ministério da Saúde (ANVISA) para análise nutricional e sanitária de alimentos. O Centro conta ainda com uma usina-piloto de processamento de alimentos, onde os alunos aprendem as operações unitárias de fermentação, desidratação, defumação, refrigeração, congelamento, enlatamento, esterilização para obtenção de produtos derivados de leite, carnes, pescado, frutas, hortaliças, óleos, amido e cereais. Os alunos ainda podem se integrar aos projetos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências de Alimentos.

Segundo o professor Pedro Barreto,

coordenador do curso, o agronegócio será a meta da formação do profissional. Acrescenta que o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, e a indústria de alimentos pertence ao segmento que mais gera em-

melhoria nutricional, o bem-estar e a saúde da população, de acordo com a legislação e os mais modernos padrões de qualidade. O profissional contribuirá para que o alimento chegue à mesa atendendo às exigências do consumidor

O futuro profissional terá a capacidade de identificar problemas e formular soluções para atuar na cadeia produtiva agroalimentar, desde a fazenda produtora até a mesa do consumidor

pregos, com a maior fonte de receita de imposto sobre a circulação de mercadorias. Barreto considera um ramo do setor industrial mais interiorizado e mais bem distribuído.

O bacharel formado em Ciência e Tecnologia Agroalimentar atuará em todas as vertentes que caracterizam a geração do alimento, sua conservação e o monitoramento em todas as etapas de distribuição.

O campo de atuação estende-se também às áreas de elaboração e desenvolvimento de novos produtos, visando a

brasileiro e internacional, podendo exercer responsabilidade técnica por indústrias de alimentos e laboratórios de análises, trabalhar com pesquisa, atuar em órgãos de vigilância sanitária, na avaliação toxicológica de alimentos, na área de educação alimentar e no treinamento de manipuladores de alimentos. O curso oferece 60 vagas no período diurno (30 por semestre) e tem a duração de nove semestres (quatro anos e meio).

Mais informações: www.cal.ufsc.br ou www.labcal-cca.ufsc.br.

Fotos: divulgação

Os alunos terão acesso à infra-estrutura do Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos, com 38 anos de experiência em ensino, pesquisa e extensão



Vestibular abre 4.431 vagas para 2009

Recorde é atingido com os novos cursos de Ciência e Tecnologia Agroalimentar e Licenciatura em Química, além da criação de 236 vagas em 27 cursos já existentes

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Com a criação do Curso de Ciência e Tecnologia Agroalimentar, da Licenciatura em Química e a expansão das turmas em outras 27 graduações, a UFSC oferece em 2009 o maior número de vagas em seu vestibular. A quantidade de vagas a serem oferecidas pela instituição passará de 4.095 (número do vestibular 2008) para 4.431. Serão 2.474 no primeiro e 1.957 no segundo semestre, em 67 cursos.

Autorizada pela Câmara de Ensino, a criação do Curso de Ciência e Tecnologia Agroalimentar, com 60 vagas, permitirá à UFSC formar profissionais especializados em alimentos, sob os aspectos científicos, tecnológicos, bioquímicos, higiênico-sanitários, sensoriais e nutricionais. O futuro profissional da área terá a capacidade de identificar problemas e formular soluções para atuar na cadeia produtiva agroalimentar, desde a fazenda produtora até a mesa do consumidor mais exigente.

A nova turma do Curso de Licenciatura em Química terá 40 vagas. Somadas às 60 vagas da Ciência e Tecnologia Agroalimentar e às 236 nos cursos já existentes, chega-se ao número recorde para o próximo vestibular.

Inscrições – As inscrições para o concurso estarão abertas no período de 9 de setembro a 9 de outubro, somente via internet, no site www.vestibular2009.ufsc.br. As provas serão realizadas nos dias 7, 8 e 9 de dezembro, no período da tarde, das 15h às 19h, em dez cidades de Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Camboriú, Chapecó, Criciúma, Itajaí, Joaçaba, Joinville, Lages e Tubarão.

As novas vagas

Administração diur.	*90 / 100	Eng. de Materiais	60 / 70
Administração not.	90 / 100	Eng. Mecânica	100 / 110
Agronomia	90 / 100	Eng. Química	45 / 50
Ciências Biológicas	60 / 80	Eng. Sanit. e Amb.	80 / 90
Ciências Cont. diur.	80 / 90	Farmácia	120 / 130
Ciências Cont. not.	80 / 90	Filosofia	35 / 37
Ciências Sociais diur.	40 / 42	Filosofia vesp./not.	35 / 37
Ciências Sociais not.	40 / 48	Física diur.	45 / 55
Direito diur.	80 / 90	Física not.	65 / 75
Direito not.	80 / 90	MTM e Comp. Cient.	30 / 40
Enfermagem	70 / 75	Nutrição	40 / 45
Eng. de Alimentos	45 / 50	Odontologia	90 / 100
Eng. de Aqüicultura	60 / 70	Psicologia	80 / 90
Eng. de Contr. e Aut.	60 / 72		

* Vagas atuais / Vagas em 2009

Sábado no Campus nos Jogos Paraolímpicos de Pequim

Paulo Roberto Homem, que integra o projeto Sábado no Campus, é o primeiro atleta da UFSC a participar das Paraolimpiadas

Letícia Arcoverde

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O atleta Paulo Roberto Homem embarcou, no fim de agosto, para os Jogos Paraolímpicos de Pequim, integrando a equipe brasileira de goalball. Paulo é deficiente visual e participa do projeto da UFSC *Sábado no Campus*, que desenvolve práticas esportivas com pessoas portadoras de deficiência física e mental.

É a primeira vez que um atleta do projeto participa de uma edição dos jogos paraolímpicos. Em 2003, duas atletas chegaram até as classificações para os jogos de Atenas, ocorridos no ano seguinte. A equipe do *Sábado no Campus* está torcendo pelo sucesso de Paulo e de toda a delegação brasileira nos jogos, que é a maior da história, com 129 atletas em 15 das 20 modalidades.

O projeto - O *Sábado no Campus* é um projeto de extensão desenvolvido pelo Departamento de

Educação Física, através do Núcleo de Atendimento Desportivo a Pessoa Portadora de Deficiência mental, visual, auditiva, física e múltipla. O objetivo é melhorar a qualidade de vida e promover a socialização através do esporte. Proporciona também oportunidades para os professores do Departamento de Educação Física desenvolverem atividades relacionadas a esportes adaptados.

O Goalball - De todas as modalidades paraolímpicas, o Goalball é o único esporte desenvolvido especificamente para deficientes - todos os outros são adaptações de esportes já existentes. Foi criado no ano de 1946, para reabilitar veteranos da II Guerra Mundial que haviam perdido a visão no conflito. Trazido para o Brasil na década de 80, o esporte é praticado na UFSC desde 1996, em parceria com a Associação Catarinense para

Integração do Cego.

O jogo acontece numa quadra do mesmo tamanho da de vôlei e tem duração de vinte minutos. Duas equipes de três jogadores se enfrentam, e tentam arremessar uma bola de tamanho similar a de basquete nos gols localizados em duas das extremidades do campo. A bola possui um guizo em seu interior, através do qual os jogadores se orientam, e por isso os jogos devem acontecer em silêncio, exceto nos momentos entre o gol e o reinício do jogo.

Mais informações com Paulo Roberto Homem : (48) 9912 7769. Sobre o projeto *Sábado no Campus*: luciano@cds.ufsc.br

Participantes do Goalball: modalidade é a única desenvolvida especialmente para os paratletas



Fotos: Divulgação

Obras na Anatomia. A UFSC buscou em outras instituições possibilidades para reforma de seu Laboratório de Anatomia, interditado pela Vigilância Sanitária no mês de agosto. Em trabalho conjunto entre o Escritório Técnico Administrativo (ETUSC) e o Departamento de Anatomia, um projeto foi elaborado para reforma do local e será solicitada dispensa de licitação para agilizar as obras.

O projeto de reforma está estimado em R\$ 200 mil e as ações para a retomada das atividades de ensino prevêem também o investimento de cerca de R\$ 150 mil em equipamentos, como câmaras para armazenagem dos corpos usados nas aulas - que substituirão os antiquados tanques com formol. O setor ligado ao do Departamento de Ciências Morfológicas, do Centro de Ciências Biológicas, proporciona aulas práticas para alunos de Psicologia, Educação Física, Biologia, Medicina, Odontologia, Farmácia e Enfermagem. A expectativa é de que o setor volte à normalidade no início de 2009.

Loucura. A Universidade Brasil, que mantém parceria com 250 universidades, incluindo a UFSC, distribuiu edição bilingüe (português/espanhol) do livro *O Alienista*, de Machado de Assis. A edição tem o selo da Unicamp.

Brasil, África e Índia intensificam cooperação

Fórum reuniu pesquisadores dos três países em Florianópolis

Alita Diana

Jornalista na Agecom

A próxima reunião de cúpula do Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul (IBAS), programada para o final de outubro em Nova Dehli, deverá preparar um edital tripartite com implantação a partir de 2009, estimulando as pesquisas conjuntas e intercâmbios em áreas como biotecnologia, educação superior, desenvolvimento sustentável e governança global, investimento e comércio internacional. Um seminário acadêmico para discutir esses e outros temas foi realizado entre os dias 13 e 15 de agosto em Florianópolis, com a presença de representantes do Ministério de Relações Exteriores, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(Capes/MEC), da Embrapa, do IPEA, do INPI, de universidades como USP, UnB e Unicamp e de delegações da África do Sul e da Índia. O reitor da UFSC, Alvaro Toubes Prata, recepcionou os visitantes no hotel Torres da Cachoeira, na praia de Ponta das Canas.

O seminário, organizado pela Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais da UFSC, foi realizado para propor um edital geral de cooperação internacional ou editais de chamadas específicas - ainda em fase de definição acerca do modelo a ser adotado - para a reunião de Nova Dehli, que pode contar com a presença dos presidentes dos três países do bloco. O Grupo de Biotecnologia e Inovação, por exemplo, decidiu pela elaboração de um edital geral de cooperação, que será desenvolvido durante dois anos. O Grupo de Engenharia,

Matemática e Ciências da Computação concluiu que a Plataforma IBAS deve ser usada para promover o desenvolvimento social e industrial dos países membros, a partir de pesquisas e projetos nos campos da nano e micro-tecnologia, educação e inteligência computacional, entre outros.

Na área da Governança Global, o grupo optou por desenvolver pesquisas conjuntas nas áreas de investimento direto externo e de comércio internacional. No último caso, a ideia é avaliar os acordos bilaterais e multilaterais e seus impactos sobre a coesão regional de cada país do IBAS. O Grupo de Desenvolvimento Sustentável discutiu soluções para temas como mobilidade (urbana e rural), desigualdades regionais e locais, consumo de energia e condições de vida.

Foto: Jones Bastos



Uma das propostas do evento é a de promover o desenvolvimento social e industrial dos países membros a partir de pesquisas em nano e microtecnologia, educação e inteligência artificial

O desafio de pensar a cultura

Criada por Prata, a SeArte quer tornar a UFSC um espaço irradiador da produção cultural catarinense

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Transformar a Universidade Federal de Santa Catarina num pólo aglutinador, produtor e divulgador da cultura, com ações que repercutam dentro e fora do Estado é o desafio que impôs a si mesma a professora Maria de Lourdes Alves Borges, nomeada em maio para dirigir a recém-criada Secretaria de Cultura e Arte da UFSC (SeArte). Sua equipe vem trabalhando para tornar o campus um ambiente culturalmente vibrante, com projetos e eventos de boa qualidade, que façam da UFSC uma "universida-

de cultural", de acordo com o desejo manifestado desde a campanha pelo reitor Alvaro Toubes Prata.

Com dois pós-doutorados feitos na Europa, a secretária traz sobretudo de Berlim, onde morou dois anos, uma visão de arte afinada com a dos grandes pólos mundiais de produção e discussão da cultura. Por isso, tem a preocupação de mesclar os eventos – como a Semana Ousada de Arte, programada para o período de 22 a 26 de setembro – com a reflexão sobre cultura, por meio de debates sobre estética, arte contemporânea e as interfaces entre a filosofia e a literatura.

Crítica e contemporaneidade – Para dar vazão a essa produção, a Secretaria criou uma série de eventos de grande porte, a começar pela Semana Ousada de Arte, em parceria com a Udesc e com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura. Artistas contemporâneos como Fernando Lindote, Flávia Fernandes e Antônio Vargas são presenças garantidas. Haverá uma oficina de "portunhol selvagem" – "uma língua bizarra, transfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente", na definição do poeta Douglas Diegues, falada na fronteira do Brasil com o Paraguai. O professor Sérgio Medeiros, do CCE/UFSC, vai provocar uma discussão sobre "o corpo pós-humano", e os convidados Vinicius Figueiredo e Márcia Tiburi falarão de estética e arte contemporânea. E haverá performances do Erro Grupo, enquanto o pianista Diogo de Haro interpretará

peças do compositor Georg Ligetti.

A atração seguinte será a Semana de Artes Cênicas, de 13 a 17 de outubro, que deverá se transformar em festival nacional em 2009. Entre 4 e 7 de novembro, o Salão Filosófico-Literário vai reunir pesquisadores e estudiosos da obra do filósofo Jürgen Habermas. A SeArte também apoia a Semana do Cinema do CCE, a finalização do filme "A antropóloga", de Zeca Pires, e o Florianópolis Audiovisual do Mercosul (FAM), que no próximo ano deverá trocar o CIC pelo Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Outro objetivo é realizar a Semana da Ópera, em parceria com entidades da área musical da Capital.

Também está nos planos da Secretaria a ampliação do palco do Centro de Cultura, que precisa de mais profundidade e de urdimentos para receber todos os tipos de espetáculos. O Museu Universitário passa por reformas para poder abrigar exposições permanentes do acervo – "temos ali obras de grande valor antropológico e as peças deixadas por Franklin Cascaes", diz a professora Maria de Lourdes. Além disso, o trabalho da SeArte é reforçado por uma unidade do Pontão da Cultura, instrumento de irradiação da produção cultural criado pelo MinCu, cujo coordenador é o professor Clóvis Montenegro de Lima.

Para executar o que foi planejado, a secretária tenta superar as limitações financeiras da UFSC buscando recursos das leis de incentivo, baseadas na renúncia fiscal. "Boas idéias e pessoas preparadas nós temos, e o financiamento será facilitado a partir do interesse político e acadêmico, pela vontade e disposição do reitor Alvaro Prata", diz ela.

Estrutura da SeArte – A equipe de administradores de Maria de Lourdes Alves Borges na Secretaria é composta por José Nunes Pires na direção do Departamento Artístico Cultural (DAC), pelo

diretor da Editora da UFSC (EdUFSC), o também filósofo Luiz Henrique de Araújo Dutra, pelo diretor do Departamento de Cultura e Eventos, Luiz Roberto Barbosa, por Tereza Fossari no Museu Universitário, por Clóvis Montenegro de Lima no Pontão da Cultura (ele é responsável também pelo Serviço de Apoio a Projetos), por Francisco do Vale Pereira no Núcleo de Estudos Museológicos (Nemu) e por Joi Clétison no Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) e no Projeto Fortalezas.



Foto: Arquivo Agecom

A ampliação do palco do Centro de Cultura e a reforma do Museu Universitário deverão propiciar a vinda de mais espetáculos e exposições à UFSC



Foto: Divulgação

A arte e seus limites

Filósofa, com longos estudos feitos sobre Hegel e Kant, Maria de Lourdes olha o mundo a partir de uma perspectiva estética instigante, que pretende transferir para a rotina de trabalho prático à frente da SeArte. "Antes, eu pensava a arte; agora, auxílio a produzir", diz ela. Contudo, nem a grande bagagem acadêmica a impede de entender, por exemplo, que uma ópera do século XVII pode conviver em harmonia com as criações contemporâneas. "Em Berlim, aprendi a explorar os limites da arte", afirma. "Aqui, espero ajudar a mostrar que a arte catarinense, por exemplo, tem expressões relevantes, mas que não aparecem como deveriam".

Campus recebe mais 1.805 alunos

Os 1.805 calouros do semestre 2008.2 foram recepcionados no início de agosto no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, em solenidades prestigiadas pelo reitor Alvaro Toubes Prata, pelo vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva e pelos pró-reitores da universidade. Os novos alunos receberam um kit com agenda, o Jornal Universitário, folder da Biblioteca Universitária e outros materiais informativos. A programação incluiu shows musicais, esquetes teatrais e números de dança apresentados por grupos de Florianópolis.

"Aproveitem intensamente este momento e o período em que estiverem na instituição", conclamou o reitor Alvaro Prata na recepção dos calouros. Ele ressaltou que os novos estudantes da UFSC devem se considerar privilegiados, pois esta é uma das principais universidades brasileiras e porque mais de 26 mil candidatos ficaram de fora no último vestibular, realizado em dezembro de 2007. "Isso aumenta a responsabilidade de quem está

entrando e também da Administração Central em dar à comunidade as respostas que ela espera da universidade", afirmou ele.

O vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva destacou o empenho da Reitoria pela humanização do campus, aumento das opções culturais, mais áreas para entretenimento e melhorias nos prédios, no trânsito e na segurança. "A universidade precisa de espaço de convivência para a construção de uma sociedade plural", sustentou.

Também deram boas-vindas aos novos alunos os pró-reitores de Assuntos Estudantis, Cláudio José Amante, e de Graduação, Yara Maria Muller. Em nome dos estudantes, Fausto Moura, do DCE, convidou os calouros a refletirem sobre a universidade pública e a sua função transformadora, que extrapola a mera transmissão de conhecimento. Ele também conclamou os alunos a participarem do movimento estudantil e das atividades periódicas do DCE, como ciclos de debates e os jogos intercursos.



Foto: Paulo Noronha

Calouros da Biologia foram criativos na recepção oferecida no Centro de Eventos

Ombudsman

A importância das opiniões divergentes

Há aproximadamente uma década, quando ainda era estudante de Jornalismo, conheci o Biotério Central da UFSC. O órgão havia sido criado em 1977, com a função de reproduzir e manter animais de laboratório destinados ao ensino e pesquisa na instituição, e almejava se tornar um centro de referência nacional na produção de cães da raça *beagle*. A visita ao biotério, onde fui acompanhada de alguns colegas do curso, tinha como objetivo a produção de uma matéria informativa para a disciplina de Telejornalismo, mas acabou gerando, entre nós, discussões sobre a utilização de animais em salas de aula e pesquisas.

Tanto os argumentos favoráveis quanto os contrários ao uso de cobaias por pesquisadores são fortes, e esse é um tema complexo que merece ser amplamente discutido. Foi com prazer que encontrei na edição de agosto do *Jornal Universitário* as opiniões de quatro professores universitários – dois a favor, dois contra – sobre a temática. Eles haviam participado de um debate promovido pelo Diretório Central dos Estudantes – outra bela iniciativa –, expondo e defendendo suas convicções. Ponto para o jornal, que de maneira imparcial deu igual espaço para os dois lados, oferecendo subsídios e permitindo que os leitores formassem, se assim o desejassem, uma opinião bem embasada.

Abri mais espaço para opiniões divergentes é um passo que precisa ser dado pelo *Jornal Universitário*. Na última edição, o material sobre o Vestibular UFSC/2009 estava completinho, informando sobre tudo. Mas será que realmente é bom, para o vestibulando, não haver mais a possibilidade de segunda opção de curso? E a política de ações afirmativas, será uma unanimidade? Em um ambiente pulsante como a UFSC, onde convivem diariamente milhares de pessoas, não é difícil encontrar idéias que se chocam, mas que submetidas à apreciação dos demais, podem se



somar ou mesmo gerar novas idéias.

Da mesma forma, é importante que o jornal se aproxime de seus leitores, com textos mais acessíveis e ligados ao dia-a-dia de cada um. Ao invés de uma matéria citando os vários eventos integrantes do 3º Fórum Nacional de Museus, poderia ter sido destacado um dos trabalhos apresentados no evento, como o do Museu da Maré, primeiro museu do Brasil localizado dentro de uma favela, no Rio de Janeiro. Ao invés de citar o “ângulo foliar” e o “diâmetro do colmo” como alguns dos “atributos morfológicos” a serem melhorados no “milho crioulo”, poderiam ter sido usadas outras palavras para explicar o que é, afinal, esse milho crioulo geneticamente modificado. Melhor ainda: poderiam ter sido mostrados outros trabalhos com alimentos, promovendo um polêmico debate sobre modificação genética. Ganhariamos os pesquisadores, que poderiam mostrar suas opiniões divergentes, e ganhariamos os leitores, que sairiam engrandecidos ao final da leitura do jornal.

Deluana Buss

Jornalista, assessora de comunicação da Fundação catarinense de Cultura (FCC) e editora do jornal *O Catarinista*



Imagem

“Crescei e multiplicai-vos...”
E não vos esqueçais de quem suspira pelos vossos arrulhos.

Foto de Ivan Panchiniak na entrada da EdUFSC

Ponto do Livro na Biblioteca Universitária

Os livros que vinham sendo comercializados numa banca de madeira instalada em frente ao prédio da Biblioteca Universitária passaram a ser oferecidos no Ponto de Livro que a Editora da UFSC inaugurou, no início de agosto, no andar térreo da BU. “Além da valorização do livro, este espaço promove uma aproximação entre a biblioteca e a editora, ressaltando os nossos talentos literários”, disse a diretora da Biblioteca, Narcisa de Fátima Amboni.

A solenidade foi prestigiada por dois ex-diretores da EdUFSC, os escritores Salim Miguel e Alcides Buss. “Nosso objetivo maior são os alunos, mas este espaço permitirá uma abertura intelectual que será positiva para

toda a comunidade universitária”, afirmou o reitor Alvaro Toubes Prata. Para o diretor da EdUFSC, Luiz Henrique Dutra, a inauguração do Ponto do Livro “demonstra o esforço da nova administração para que a editora esteja presente em mais locais dentro da universidade”.

O novo espaço vende obras das séries Geral e Didática, além de lançamentos de outras editoras, e aceita cartões de crédito e débito Mastercard e Visa com parcelamento e cheque pré-datado. Isso vale também para a livraria Espaço Cruz e Sousa (*showroom* EdUFSC, na sede da editora, ao lado do RU) e o Espaço Vital (no Básico do Centro de Comunicação e Expressão).

Foto: Jones Bastos



Fenaj busca parceria e apoio na UFSC

Foto: Paulo Noronha



O reitor da UFSC, Alvaro Prata, recebeu a visita do presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Sérgio Murillo de Andrade. Acompanhado pelo diretor da Agência de Comunicação (Agecom), Moacir Loth, e pelo coordenador do Curso de Jornalismo da UFSC, Aúreo Moraes, ele solicitou apoio da UFSC à campanha nacional da Fenaj em defesa da manutenção da regulamentação da profissão de jornalista. Existe igualmente, segundo Sérgio Murillo, “a preocupação em fortalecer a função de assessor de comunicação”.

O presidente da entidade aproveitou também para conhecer as novas instalações da Agecom, onde conversou com a equipe sobre as lutas da categoria.

Sérgio Murillo, em visita à Agecom, recebeu os últimos números do *Jornal Universitário*

Bicicleta branca - Cerca de 80 pessoas de bicicleta e 250 a pé, entre elas o reitor da UFSC, Alvaro Prata, participaram de uma homenagem ao triatleta e engenheiro mecânico Rodrigo Lucianetti, atropelado e morto recentemente na rodovia Maurício Sirotsky Sobrinho, em Jurerê, norte da Ilha. No local do acidente, os participantes ergueram uma bicicleta branca - sinal internacional que indica os lugares onde ciclistas morreram - pintaram uma estrela no asfalto e rezaram.

Faltou dizer. A pesquisa *Melhoramento genético em população composta de milho local orientada por marcadores de micro-satélite*, de Volmir Kist, cuja matéria foi publicada no *JU* n° 393, está sendo orientada pela professora Juliana Bernardi Ogliari.



Jogral do tempo

Os deuses não dão o que pedimos mas o que podemos suportar
A eternidade é tecida de momentos e os tempos são alimento do tempo

O tempo dos deuses alimenta-se de deuses
o tempo dos guerreiros alimenta-se de guerreiros
o tempo dos artistas alimenta-se de artistas
o tempo dos operários alimenta-se de operários
o tempo dos homens que negam alimenta-se dos homens que negam
o tempo dos pusilânimes alimenta-se dos pusilânimes
o tempo dos homens pequenos alimenta-se de homens pequenos
o tempo dos poderosos alimenta-se de poderosos
o tempo da obscuridade alimenta-se de obscuridade
o tempo dos heróis alimenta-se de heróis.
Cada homem tem o tempo que o devora

Só os monges doidos e os velhos poetas conhecem o exercício da solidão que leva aos caminhos do eterno

Poesia



Escrevendo a vida - *Nave para o fim do tempo* é o melhor livro de poesia do jornalista e escritor Carlos de Freitas. Publicada pela Cultura em Movimento, de Blumenau, a obra realça a vida, o tempo, a memória, entrelaçando tudo com o espaço, a cidade e o rio. Freitas, hoje com 88 anos, é um auto-exilado. Natural de São Paulo, mora no Asilo Casa São Simeão, em Blumenau. “Durante todo o século XXI publicarei livros tanto de prosa como de poesia”, avisa.

A redação sem Mistérios

O livro *Experiência e prática de redação*, lançado pela EdUFSC, traz estudos e análises sobre a prova mais temida do vestibular

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Amenizar a angústia de quem conta com um bom desempenho na Redação para ter sucesso no vestibular, explicitar todo o processo que envolve o concurso e suas transformações e, de quebra, mostrar que o contato com a literatura por parte dos estudantes do ensino médio pode ser uma experiência reveladora e bem-sucedida. Com estas motivações (e outras não menos importantes), um grupo de professores vem realizando um cuidadoso trabalho de pesquisa tendo como base o vestibular, cujo resultado mais recente é o livro *Experiência e prática de redação*, que a Editora da UFSC acaba de colocar nas livrarias. Foram sete anos de estudos e análises fundamentados na avaliação das provas de Redação, enriquecidos com contribuições teóricas e práticas para os pesquisadores da área, professores de Língua Portuguesa e alunos de escolas de todo o Estado.

Antes de o livro ficar pronto, muitas oficinas levaram a professores de ensino médio informações sobre os critérios de escolha dos livros para o vestibular, o sistema de avaliação das redações e "a importância da leitura para uma boa escritura", nas palavras da professora Maria Luíza Ferraro, coordenadora pedagógica da Comissão Permanente do Vestibular da UFSC (Coperve) desde 2004. "Com isso, estamos nos aproximando cada vez mais do ensino médio", constata.

Criada em 1970, a Coperve passou a incluir a Redação no concurso em 1978, cumprindo o decreto nº 79.298/77, que estabeleceu a exigência de prova ou questão de redação nos vestibulares, como parte da etapa de Língua Portuguesa, em todas as instituições federais e particulares de ensino superior. Constante do manual do candidato, "a redação dissertativa se impôs como prova de habilidade linguística a ser demonstrada por todos os candidatos", dizem as co-autoras Andréa Lúcia Paiva Padrão e Maria Luíza Ferraro num dos primeiros capítulos da obra. Com elas, dividem a autoria e organização os professores Marco Antonio de Mello Castelli, Izete Lehmkuhl Coelho, Edair Maria Gorski, Maria Cristina Fischer Rese e Milton Luiz Horn Vieira.

A opção pela redação dissertativa ocorreu porque professores e equipes responsáveis entenderam que um texto estruturado de forma coesa e lógica poderia demonstrar melhor a competência linguística dos candidatos, suas leituras e reflexões acerca de um determinado assunto e seu conhecimento de mundo.

A redação dissertativa foi escolhida porque se entendeu que um texto estruturado de forma coesa e lógica poderia demonstrar melhor a competência linguística dos candidatos, suas leituras e reflexões acerca de um determinado assunto e seu conhecimento de mundo

Sugestões no ensino médio – A partir de 2002, uma parceria entre a Coperve e o Centro de Comunicação e Expressão permitiu que especialistas fossem convidados para realizar palestras aos avaliadores, entre eles o escritor catarinense Cristóvão Tezza, professor da Universidade Federal do Paraná, e as professoras Ingedore Villaça Koch Krul, do Instituto de

Estudos da Linguagem da Unicamp, e Vera Lopes, da PUC/MG. A partir daí, o vestibular da UFSC passou a ser mais abrangente, permitindo que os candidatos apresentassem, além da dissertação, formas de texto como a narração, carta argumentativa e prosa poética.

Desde o início, além da escolha de cada tema e da equipe de professores que iriam corrigir os textos, a UFSC se preocupou em colher sugestões de professores de Português do ensino médio. A intenção era fazer com que os candidatos melhor preparados entrassem na universidade e que a prova de redação não fosse empecilho para este sonho dos estudantes. A seleção da banca de avaliadores sempre foi um processo rigoroso e treinamentos foram utilizados para afinar o processo de correção. Com o tempo, partiu-se para a formação mais específica dos componentes da banca de avaliadores. Foi quando surgiu a primeira edição das oficinas de "Experiência e prática de redação".

Era o começo de uma série de cursos de extensão voltados, sobretudo, para professores de Língua Portuguesa dos ensinos fundamental e médio, professores universitários e pós-graduandos na área de Letras. As oficinas de redação tinham o objetivo de ampliar as concepções sobre leitura e escrita, extrapolando as técnicas de elaboração para valorizar as inúmeras possibilidades de uso da língua. Era delas que saíam os componentes da banca, prontos para desenvolver o seu trabalho.

Trabalho reconhecido – O livro *Experiência e prática de redação* faz um histórico das transformações do vestibular, dos distintos procedimentos de correção das redações, até chegar à conclusão de que esta prova é, hoje, o fiel da balança no concurso. Além de ressaltar a ética e o sigilo que acompanham os vestibulares da UFSC, a publicação reúne informações e opiniões balizadas sobre questões como a importância da leitura de obras literárias e sua articulação interdisciplinar, o culto da língua e da criação literária, a valorização das humanidades e a tentativa de eliminar a resistência à leitura, sobretudo entre aqueles que buscam vagas em cursos de ciências exatas ou exatas.

A aproximação com professores e alunos de ensino médio do Estado mostrou-se mais efetiva quando, em 2006, o curso *Experiência e Prática de Redação* foi realizado em Chapecó, no Oeste do Estado, onde as informações sobre os vestibulares da UFSC não chegam com a mesma força que nas cidades mais próximas à capital. Outro reconhecimento do trabalho da equipe da Coperve foi a participação num seminário de redação de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual a experiência catarinense serviu como referência. O trabalho também tem sido matéria-prima para pesquisas de mestrado e doutorado centradas na questão do vestibular ou realizadas por professores da área da linguística.

O professor Júlio Szeremeta, presidente da Coperve, ressalta o aprimoramento da avaliação das redações, a renovação em pelo menos 10% da equipe de avaliadores a cada ano, a participação de uma professora de ensino médio (com experiência em sala de aula) na equipe e o caráter inclusivo e de extensão do projeto, por conta do alcance estadual que apresenta.

Informações: www.vestibular2009.ufsc.br e www.editora.ufsc.br.

